

Apresentação

Fabiano Dalla Bona

Com a pandemia de Covid-19 o planeta parou diante de uma ameaça invisível e poderosa que apenas no mês de junho, no Brasil, fez mais vítimas que nos anteriores onze meses, totalizando quase 33 mil mortes, segundo dados do Ministério da Saúde.

Face a um número tão grande de perdas, inclusive de colegas docentes, técnicos administrativos, discentes e familiares, a Revista interFACES, além de manifestar seu profundo pesar, decidiu mudar também seu *layout*. Essa mudança reflete, antes de mais nada, a necessidade de tornar a vida – e a leitura – mais leve após todos os traumas decorrentes dos inúmeros meses de confinamento, de privações de toda a sorte e de dor. Inauguramos uma nova fase, na esperança de que seja auspiciosa.

Todos os setores da vida humana muito sofreram, e ainda sofrem, os efeitos devastadores desse vírus, mas sem dúvida alguma, o setor cultural talvez tenha sido um dos mais prejudicados com o fechamento das salas de espetáculo, teatros, cinemas; suspensos todos os shows, feiras, convenções. Artistas, diretores, produtores, cenógrafos, cenotécnicos, operários: todos sem trabalho! O mundo do teatro parou, mas e o teatro do mundo?

No presente número, que também sofreu atrasos e percalços por causa da pandemia, apresentamos significativas contribuições que abordam o universo teatral. A primeira delas, intitulada *Calabar e a construção cênica da ausência*, de Tereza Beatriz Azambuya Cibotari analisa o texto de Chico Buarque e Ruy Guerra publicado em 1973 em plena ditadura militar, texto e espetáculo que sofreram diversas intervenções da censura, e que aborda a presença/ausência do personagem Domingo Fernandes Calabar, personagem que a história imortalizou como um traidor, e cuja metáfora era mais do que importante naqueles anos. Para a autora, trata-se de um espetáculo icônico pois o protagonismo do personagem é um elemento dissidente que é construído a partir da sua ausência, pois aparece apenas na voz dos demais personagens.

Tratando de uma temática bastante semelhante, Juliana de Souza Mariano apresenta o artigo “*Ressuscitar Gil Vicente a ver se ressuscitava o teatro*”: um

estudo sobre um auto de Gil Vicente, de Almeida Garret. A autora apresenta as bases do projeto civilizatório liderado e posto em prática por Garrett, ou seja, a restauração do teatro português no século XIX, e discute como, ao ambientar ação de seu drama em 1521, Garrett poderia falar da própria época e questionar os limites da democracia liberal conquistada.

Por entre percursos desorientados: o absurdo na peça O labirinto (1956), de Fernando Arrabal de Caroline Marzani, releva a temática do aprisionamento sem justificativa, o julgamento equivocado, a incapacidade de comunicação entre os personagens e a falta de perspectiva futura do sujeito enclausurado, situações que na peça do escritor, dramaturgo e artista plástico espanhol, revelam a falta de perspectiva futura da qual o indivíduo se depara nos períodos de pós-guerra do século XX, como também refletem os absurdos do mundo moderno.

De volta ao âmbito do teatro brasileiro, dessa vez oitocentista, *Característica e recepção de textos dramáticos de Figueiredo Pimentel na obra Os meus brinquedos*, de Cristina Rothier Duarte trata do teatro voltado ao público infantil brasileiro do século XIX. Ao trazer uma análise sobre *Os meus brinquedos*, a autora releva o caráter pedagógico e edificante da obra, mas também conclui possuir um caráter voltado à diversão e deleite do pequeno público, trazendo à tona uma faceta pouco conhecida desse autor macaense.

Sempre a propósito do teatro infantil, Cristiane de Mesquita Alves discute o papel desse tipo de teatro na formação do público infantil – mas não apenas infantil - no artigo *Alfonsina Storni: um teatro para uma educação feminista*, e apresenta reflexões sobre como a produção da autora argentina contribuiu para a criação de uma consciência mirada na não divisão de classes e gêneros.

Iara Machado Pinheiro assina o artigo intitulado *O riso e o senso de proporção no teatro de Natalia Ginzburg* e analisa alguns fragmentos de comédias teatrais da autora italiana, mais conhecida em nosso país por seus romances, para discutir as configurações do humor e seus possíveis desdobramentos éticos, sugerindo que o cômico pode ser uma ferramenta para retirar a primazia do ‘eu’, narrativamente, enquanto promove um laço pela vulnerabilidade comum e pela falibilidade humana.

Na sessão VARIA, Gisele Batista da Silva e Wellington de Jesus Neves Rodrigues assinam o artigo *Dante por um e por todos: L'Iride e as letras*

italianas no Brasil oitocentista e apresentam um estudo de fontes primárias sobre a apropriação da figura poética de Dante Alighieri, feitas pelo professor e poeta genovês Alessandro Galleano Ravara, como forma de divulgação das letras italianas no periódico *L'Iride Italiana* publicado na Corte do Rio de Janeiro.

A literatura contemporânea sob o olhar da crítica literária: sedições e confrontos de Madalena Aparecida Machado oferece uma análise dos romances *Eles eram muitos cavalos* e *Nove noites* de Luiz Ruffato. Com base nos estudos de Beatriz Resende, Alcir Pécora, Pierre Bourdieu e Giorgio Agambem, a autora procura compreender o atual panorama da literatura tentando responder, inclusive, o que é literatura.

Por fim, Cláudia Maria de Lima Graça e Clarissa Rodriguez Gonzales no artigo intitulado *Cartografia performativa: proposta de abordagem qualitativa para as ciências humanas* apresentam a definição daquilo que chamam de cartografia performativa, isto é, uma cartografia que tem como objetivo a produção de textos que expressem o modo como a/o pesquisador/a se vê atravessado/a pela experiência investigativa, vinculando a produção de conhecimento ao compromisso ético de articular discurso e ação, teoria e prática, concluindo que tal abordagem pode ampliar o leque de opções disponíveis para empreender pesquisas de teor autoral nas ciências humanas, enfatizando o engajamento político e os processos subjetivos pelo/a pesquisador/a vivenciados.

Boa leitura!